

ROSA LOBATO DE FARIA

VENTO SUÃO

1

Foi quando o vento escancarou a porta do lado sul da casa que começou a tremer. Não era frio, não era medo, apenas um mal-estar, uma impaciência, uma vontade de sair dali. Fechou a porta e passeou um pouco no corredor, que disparate, agora já não podia acontecer-lhe nada, mais valia ocupar-se com qualquer coisa que a distraísse, fazer um bolo, por exemplo.

300g de açúcar

180g de manteiga

180g de farinha

raspa da casca de uma laranja

uma pitada de fermento em pó

6 ovos (as claras em castelo)

Quando meteu o bolo no forno lembrou-se de que não tinha com quem o partilhar, e nunca conseguiria comê-lo toda sozinha. *Que se lixe*, pensou. *Um bolo é só um bolo, que importância tem?* Em casa da avó, que por sinal era aquela mesma, havia sempre um bolo ou dois em cima do aparador da sala de jantar.

– Sofia!

Chegou à janela para ver quem chamava. E viu Luísa, com o seu ar despachado, a aproximar-se da porta.

– Luísa! Não ouvi o carro.

– Vim a pé.

– És maluca! Entra.

Abraçaram-se muito. Com alegria e alguma emoção.

– Disseram-me que tinhas vindo tomar posse da casa da tua avó e resolvi visitar-te.

– Muito a propósito, tenho um bolo no forno. Parecia que adinvinhava!

– Estou a viver em casa dos meus pais.

– Com os miúdos?

– Com os miúdos.

– A tua mãe fala sempre dos netos.

O cheiro a bolo, um cheirinho maravilhoso a *casa honesta*, como dizia alguém de quem Sofia muito gostava, invadiu a casa e fê-la correr à cozinha.

– Vem comigo.

O bolo estava pronto, douradinho, perfeito depois de virado no prato.

– Para o nosso lanche. Deixa-o arrefecer um bocadinho.

– Para a merenda, como diziam os criados, lembraste?

– Tinham razão. Merenda é que se diz. Vou fazer chá branco. Gostas?

– Adoro.

Tinham oito anos e corriam o dia inteiro pelo campo até que lhes chegava a fome.

– Vamos almoçar?

– Eu não quero ir almoçar a casa. É peixe.

– Como é que sabes?

– Vi os peixes em cima da mesa da cozinha. Com os olhos esbugalhados e aquele cheiro.

– Almoças cá. Mas é preciso pedir à avó que telefone à tua mãe.

Ainda era cedo. A avó telefonou e Luísa ficou o dia todo. Não podiam separar-se. Passavam o tempo a fazer descobertas, das flores aos frutos, dos bichinhos do campo à rugosidade das pedras, da música dos regatos à doçura da sombra das árvores.

Sofia era uma menina da cidade que só vinha ao Alentejo nas férias, Luísa estava num colégio interno, mas, mesmo assim, nascida e criada em liberdade, tinha muito para ensinar à amiga.

– Não comas essas bagas que são venenosas. Não mexas nessa erva que faz urticária.

– O que é urticária?

– Comichão. Horrível. A mão fica inchada e tudo. E já viste a salamandra? Fica da cor das plantas onde se esconde. Para não a encontrarem.

– Estás a gozar!

– A sério! Hás-de reparar.

– Até parece!

– Então não acredites.

– Vamos às cerejas?

– Já não há.

– Há, pois. Ainda ontem vi uma cerejeira carregadinha.

– Hás-de dizer-me onde.

– Sei lá! Vi.

– Já estão mesmo no fim. Mas pode ser.

As cerejas estavam mesmo no fim, ainda conseguiram enfiar-se de princesas.

– E se agora viesse um príncipe, o que é que tu farias?

– Um príncipe a cavalo?

– Num cavalo branco.

– Não sei. Ficava quieta até ele me escolher. E tu?

– Esperava que viesse outro príncipe. Já não tinha por onde escolher, escolhia-me a mim.

– Boa!

Levavam dias inteiros nestas conversas. Depois do almoço sossegavam um pouco, mas a avó sabia que não valia a pena pô-las a dormir a sesta. Viam um pouco de televisão, a *Heidi*, o *Marco*, a *Abelha Maia*, as séries da época, até que a avó:

– Sofia, o piano. Tem de ir estudar.

– Anda comigo, é divertido.

Algumas das teclas já tinham perdido o marfim, e a afinação não era a melhor do mundo. Todos os anos, a avó prometia mandá-lo arranjar, afinar, pô-lo como novo, mas, assim que Sofia se ia embora, esquecia-se até às férias seguintes.

Fazia um barulho esquisito, *cloc, cloc*, como se as notas brigassem umas com as outras, era, pelo menos, o que Sofia pensava, mas apesar disso fazia os exercícios aplicadamente, tocava as pequenas peças para principiantes e depois, assim do nada, começava a tocar uma peça mais simples de Mozart que tinha ouvido, qualquer coisa de Chopin. Tinha um dom excepcional para a música, pelo menos a família assim considerava, insistindo para que estudasse uma hora por dia, o que fazia sem nenhuma espécie de sacrifício. Para ela era a continuação da brincadeira.

– Vê lá se gostas desta.

E tocava uma aproximação de Schubert.

– Não. Gostei mais da outra – dizia Luísa só para contrariar. O ouvido não era o seu forte. Gostava mais de desenhar. Por isso entretinha-se com um bloco e lápis de cor enquanto a amiga tocava.

Por fim chegava a hora da despedida. Era como se uma delas fosse para a Austrália. Ainda com o sol alto, uma criada da casa acompanhava Luísa.

– Deixe-me ir, avó.

– Não. A menina vai para o banho.

– Vou e venho num instante.

– Não, faz-se muito tarde e já sabe que o seu avô gosta de jantar cedo. Mas o que é que tem? Amanhã estão juntas outra vez!

Esse era um conceito que não podiam compreender. Amanhã? Sabemos lá se há amanhã, se o sol nasce, se as coisas estão mesmo no sítio...

– Lembras-te de quando pensávamos que não havia amanhã? Não tínhamos a certeza se o sol ia nascer. Levantávamo-nos de madrugada com aquela angústia: e se não nasce? Víamos os pássaros raros que anunciavam a manhã, e cada uma em sua casa torcia por um nascente que parecia tardar de propósito para nos fazer sofrer...

Numa cozinha velha, duas mulheres recordam a infância enquanto tomam chá e comem bolo de laranja. Riem e conversam. Nenhuma delas sabe por que caminhos a outra chegou ali.